

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO CURSO DE LETRAS-LIBRAS: FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA COMUNIDADE SURDA E TRADUÇÃO CULTURAL DA LIBRAS OU LÍNGUA DE SINAIS

Thaís Fleury Avelar/UFG

Junho/2012

Resumo:

Este artigo tem por objetivo mostrar a formação da identidade cultural baseada na língua de sinais e ao que ela se relaciona. Para isso o texto apresenta a relação entre a tradução de textos em outras línguas para a língua de sinais como elemento formador de tal identidade cultural. Esta estará em evidência no Curso do Letras-LIBRAS e será fundamentada com a interação social e lingüística presente na tradução disponibilizada. Atenta-se também à necessidade do aprofundamento dos estudos e pesquisas da tradução para a língua de sinais.

Palavras-chave: Tradução e formação de identidades culturais; tradução da Língua de Sinais.

1. Introdução

Neste artigo procura-se demonstrar, para entender a proposta aqui colocada, o surdo como um estrangeiro. Embora ele ocupe o mesmo espaço geográfico e, às vezes, os mesmos ambientes sociais que qualquer outra pessoa, o surdo possui uma visão sobre o mundo completamente diferente da visão do ouvinte. É nesse sentido que se fala de uma “cultura surda”. Sendo assim, tem-se que “*a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras*” (VENUTI, 2002: 130), o problema que se coloca é como a tradução de textos do português para a língua de sinais contribui para que os surdos construam suas representações culturais dos ouvintes.

O objetivo deste artigo é estabelecer uma comparação entre os textos “A formação de identidades culturais” e “A tradução etnocêntrica e tradução hipertextual” em relação à atividade de tradução no curso de Letras-LIBRAS. A partir disso, poder dizer em que medida as afirmações e conceitos estabelecidos nesses textos se aplicam à prática de tradução no curso de Letras-LIBRAS.

2. O conceito de identidade, tradução e formação de identidades.

Nos últimos tempos, graças a um conceito de tradução e formação de identidades culturais, tradutores e pesquisadores através de estudos de tradução, conseguiram firmar algo importante destacando alguns estudos, mostrando qual tem sido o papel da tradução e do tradutor ao longo da história, bem como os efeitos de suas escolhas na formação de identidades culturais.

O tradutor, ao comunicar um texto estrangeiro, interpreta fatores domésticos, utilizando a tradução como colaborador à formação de atitudes domésticas em relação a países estrangeiros. Valorizam-se, assim, etnias, raças e nacionalidades específicas, atitudes capazes de favorecer tanto o respeito pela diferença cultural, quanto o ódio baseado no etnocentrismo, no racismo ou no patriotismo.

Como é a tradução etnocêntrica? Segundo Berman (2007: 28), essa tradução expõe que o *“etnocêntrico traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura”*.

Tem-se, por conseguinte, o termo identidade. A identidade cultural é a sensação de identificação de um grupo, cultura ou indivíduo, na medida em que ele é influenciado pela sua permanência a um grupo cultural. Como exemplo, é possível falar-se de uma identidade cultural do “brasileiro”, dos traços culturais particulares que os distinguem dos literários estrangeiros. Isso pode demonstrar o papel de um tradutor, o qual é inseparável do processo de formação de identidades culturais, através da qualidade na construção de representações domésticas.

Um novo início na visão tradicional da tradução é observado pela necessidade de se entender as fronteiras, as qualidades e as diferenças existentes entre as línguas e seus povos. Essa visão acontecerá através da mediação do processo cultural, passando a um conjunto de caracteres compreendidos na significação de um dado conceito à tradução, pois cresce a interpretação de que o trabalho de tradutores inclui produzir as transformações e manipulações inevitáveis. Visto que ao entrarem em contato com os valores culturais de diferentes sociedades, distantes no tempo ou no espaço, os tradutores não exploram apenas um território desconhecido, mas uma cultura e suas manifestações.

Por isso, os tradutores só podem traduzir os textos de literários estrangeiros para textos domésticos, usando para isso a língua portuguesa como a língua oficial do Brasil, favorecendo uma compreensão melhor ao usar sua língua. Mello (1999) ajudou a desenvolver esse pensamento ao falar da importância do input no processo de aquisição de uma língua.

Na medida em que o tradutor está associado ao contexto sociolinguístico e às interações com o outro, domina diversas línguas estabelecendo uma situação de bilingüismo¹ em um ambiente. Ele saberá usar a língua de acordo com seus interlocutores, de modo que possa ocorrer uma interação entre pessoas de uma mesma família, entre professores e alunos pertencentes ao domínio escolar e assim por diante. Assim, por exemplo, os livros de literatura sempre têm textos francês ou europeu traduzidos para o português, visando uma melhor adaptação e representação das identidades culturais dos estudantes.

Conforme Venuti (1998: 175):

O que aqui se estabelece por uma representação doméstica é a reescritura de um texto estrangeiro de modo compreensível e familiar na cultura receptora. Essa concepção é extensamente detalhada por Venuti (1998) e será resumidamente exposta neste tópico, a fim de fundamentar o que se está pretendendo defender neste artigo. Em linhas gerais, o autor coloca que um dos principais objetivos do tradutor é do comunicar um texto estrangeiro de modo a torná-lo compreensível de uma forma caracteristicamente doméstica. Esse processo se realiza na adoção de uma estratégia de tradução que reescreve o texto estrangeiro em dialetos e discursos domésticos, o que é sempre uma escolha de certos valores domésticos em detrimento de outros. O autor segue argumentando que a tradução pode criar, para os países estrangeiros, estereótipos que refletem os valores políticos e culturais domésticos, colaborando para a formação de atitudes domésticas em relação a países estrangeiros. Nessa medida, a tradução constrói também um próprio sujeito doméstico, ‘uma posição de inteligibilidade que também é uma posição ideológica, delineada pelos códigos e cânones, interesses e pautas de certos grupos sociais domésticos’.

Venuti afirma que o tradutor tem como objetivo traduzir textos estrangeiros para textos domésticos colaborando com a formação de atitudes domésticas em relação a países estrangeiros. Utilizando-se uma forma de traduzir a obra estrangeira de maneira que não se “sinta” a tradução, ou seja, deve-ser traduzi-la de forma a dar impressão de

¹ Bilingüismo pode ser definido como possuir duas línguas ou a situação linguística em que os falantes utilizam alternadamente duas ou mais línguas.

que é isso que o autor teria escrito se ele estivesse escrito na língua para a qual se traduz.

As traduções constituem um dos elementos essenciais ao processo de formação de uma nova identidade, como já se argumentou acima, e como se observa em Venuti: *“A tradução forma identidades culturais particulares e as mantém com um grau relativo de coerência e homogeneidade, mas também cria possibilidades de mudança, inovação e resistência cultural em qualquer momento histórico.”* (1998: 176).

Conforme segundo Venuti (2002: 131) assinala que:

Uma tradução, ao circular na igreja, no estado e na escola, pode ter poder de manter ou revisar a hierarquia de valores na língua-alvo. A escolha calculada de um texto estrangeiro e da estratégia tradutória pode mudar ou consolidar cânones literários, paradigmas conceituais, metodologias de pesquisa, técnicas clínicas, e práticas comerciais na cultura doméstica.

Com isso, deseja-se uma nova proposta em comparação segundo a necessidade de se entender um surdo como estrangeiro e sua formação cultural, por meio de atividade na prática de tradução no curso de graduação de Letras-Libras.

3. Formação da identidade cultural da comunidade surda e tradução cultural da LIBRAS ou língua de sinais

Para comparar ao texto acima sobre a formação de identidades culturais é preciso entender o surdo como um estrangeiro. Como dito anteriormente, a visão do surdo sobre o mundo é completamente diferente da visão do ouvinte. E nesta visão inclui-se a cultura surda – e a comunidade surda² - como parte do processo de desenvolvimento da LIBRAS³. Esta enquanto uma língua de sinais reconhecida por língua natural dos surdos⁴. O uso da língua de sinais é característica identitária

² Comunidade surda: conjunto de sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, usa a língua de sinais, têm costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado. (STROBEL, 2006: 6)

³ LIBRAS – é uma das siglas para referir a língua brasileira de sinais que é a língua utilizada pelas comunidades surdas brasileiras, Língua **BR**asileira de **S**inais. Esta sigla é difundida pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS. (QUADROS, 2004: 8)

⁴ Língua de sinais – são línguas que são utilizadas pelas comunidades surdas. As línguas de sinais apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto

fundamental; afinal, os surdos consideram que a evidência de se pertencer à comunidade surda é o uso de língua de sinais. Entre os autores usados nesta pesquisa para entender sobre a língua de sinais e sua importância para a comunidade surda destaca-se:

Atribui-se importância ao uso da língua de sinais na construção da(s) identidade(s) do surdo, pelo valor que a língua tem como instrumento de comunicação, de troca, de reflexão, de crítica, de posicionamento, pois, como se poderia imaginar uma significativa e natural interação entre surdos que utilizassem uma língua oral ou uma língua oral sinalizada? O instrumento natural e habitual para sua interação não pode ser outro senão a língua de sinais da comunidade surda local. Não há como negar que o uso de língua de sinais é um dos principais elementos aglutinantes das comunidades surdas, sendo, assim um dos elementos importantíssimos nos processos de desenvolvimento da identidade surda/ de surdo e nos de identificação dos surdos entre si. (SÁ, 2002: 105)

O entendimento da questão das identidades surdas está diretamente relacionado com a noção de língua porque a constituição da subjetividade dá-se pelo exercício do poder da linguagem que se estabelece com a comunicação entre surdos. Ao focar a questão da identidade, chega-se à questão da diferença, visto que a identidade cultural só pode ser compreendida em sua conexão com a produção da diferença, que não é outra coisa senão um processo social discursivo.

O que sustentará um novo olhar sobre as diferenças são as novas formas de representar e de resignificar a diferença. O que são as diferenças? São diferenças lingüísticas - ouvintes que possuem a língua portuguesa enquanto os surdos com língua de sinais – onde se tem uma língua oficial e outra língua estrangeira. Se fora da língua de sinais o surdo é o estrangeiro, dentro dela, o ouvinte é quem não fala, não produz discurso e, portanto, não participa da cadeia de significantes que movimenta os sentidos, que fazem parte da vida dos surdos. A inversão dicotômica⁵ revela, entretanto, o que foi recalcado. Ou seja, a troca de papéis, ser estrangeiro, ser o “outro” na relação lingüística produz efeitos de subjetividade.

Então, surge à tradução etnocêntrica da cultura surda com sua língua de sinais, e, principalmente, a questão de tradução de textos literários para a LIBRAS que pode ajudar a satisfazer a necessidade de sua própria compreensão enquanto sujeito

línguas pela Lingüística. As línguas de sinais são visuoespaciais captando as experiências visuais das pessoas surdas. (QUADROS, 2004:8).

⁵Dicotômica: que se divide ou subdivide em dois.

bicultural. Por serem minoria lingüística e bicultural, os surdos trazem em sua constituição como seres humanos a possibilidade da compreensão de dois mundos diversos. Conforme Sá (2002: 106):

Alguns se referem aos surdos como uma minoria lingüística, baseando-se no fato de que a língua é utilizada por grupo restrito de usuários, assim, priorizando a questão quantitativa. Outros entendem que o uso de língua de sinais é um fator de exclusão da sociedade majoritária⁶, pois os surdos vivem na situação de desvantagem social e participam limitadamente da sociedade justamente por não conseguirem utilizar a língua da comunidade majoritária tal como os ouvintes, assim, priorizam a questão qualitativa. Destaco que, ao concordar com a idéia de que os surdos são uma minoria lingüística (e para alguns, até étnica), e não quero cair na armadilha de usar esta categoria para ‘excluir’ ou ‘incluir’.

O surdo enquanto não puder se apropriar adequadamente de uma cultura, pode não exercer plenamente seus direitos de cidadão, como circular livremente por todas as instâncias sociais – o que inclui necessariamente a língua escrita e a tradição literária; por isso ele continuará a ser tutelado por alguém ou por alguma instituição. Por exemplo, a maioria dos ouvintes são professores de libras tomando lugar dos professores surdos por faltar a estes determinar sua capacidade e lutar pelo direito de ter prioridade de trabalhar.

Em relação à língua de sinais como língua-alvo de uma tradução, uma das questões de trabalho foi demonstrar a possibilidade de se efetivar um trabalho de tradução textual de uma obra literária, não apenas um recontar de história, mas uma criação autêntica de tradução.

Um trabalho denominado *Literatura em LSB (Língua de Sinais Brasileira): poesia, fábula, histórias infantis* em vídeo existe no Rio de Janeiro. Um dos responsáveis pelo projeto, Nelson Pimenta, que lançou em 1999, com produção e direção de profissionais americanos (o vídeo foi realizado nos Estados Unidos, onde este ator/criador surdo participou de cursos de teatro e outros em várias ocasiões).

Há outro projeto organizado pela Editora Arara Azul, fundada em janeiro de 2001, na cidade de Petrópolis/RJ. Uma das funções é a implantação do PROJETO LIBRAS, cuja primeira ação é a publicação da Coleção Clássicos da Literatura em CD-ROM em LIBRAS/Português. Nesse projeto, clássicos da literatura brasileira e

⁶ Que se refere à maioria.

universal têm sido traduzidos de sua língua original para a LIBRAS por tradutores surdos, com o apoio de tradutores ouvintes⁷.

Como se abordou, mas retomando a questão do choque cultural, a tradução não é apenas entre línguas, mas entre culturas e também se destaca a questão da singularidade das traduções literárias. Como exemplo, no clássico infantil “Alice no país das maravilhas”, a equipe de tradução se deparou com o desafio de como traduzir a passagem na qual Alice, dentro do túnel, ouve os passos apressados (pisadinhas) do Coelho se aproximando. A sugestão da tradutora surda, acatada pela equipe, foi a visualização da sombra das orelhas do Coelho Branco, tremendo de nervoso. A opção da tradutora foi “ensurdecer” (tornar surdo) Alice e seus companheiros em todo texto.

Esse recurso de “ensurdecer” os personagens e o enredo dos clássicos infantis durante as traduções para LIBRAS tem sido constante, pelo que comprovam títulos como “Cinderela surda”, “Rapunzel surda”, “Patinho surdo”. Esses trabalhos apresentam contextos que correspondem à prática de tradução livre e porque atendem, em certa medida, à necessidade de o surdo afirmar sua identidade.

Além disso, as atividades da Editora Arara Azul, com a publicação de suas traduções em CD-ROM contribui para o início da padronização da LIBRAS, que, como toda língua natural, apresenta variedades oriundas das diferentes regiões do Brasil. Isso representa um texto doméstico da própria identidade da comunidade surda, com sua língua de sinais.⁸

Atualmente, o curso de graduação de Letras-LIBRAS é um curso de licenciatura ofertado na modalidade de Ensino à Distância que possibilita o desenvolvimento dos estudos da língua de sinais com base no processo de ensino-aprendizagem centrado no hipertexto⁹, acompanhado de outras ferramentas didático-pedagógicas, tais como: o Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem – AVEA (veja uma figura 1 abaixo), as hiperlinks (veja uma figura 2) contendo as traduções em língua de sinais (LS) dos

⁷ O tradutor surdo é proficiente em língua portuguesa escrita e o ouvinte tem o português como língua materna, sendo usuário/proficiente em língua de sinais. O surdo atua na tradução de textos escritos, e o ouvinte atua como apoio na tradução de textos escritos e como intérprete da língua portuguesa oral.

⁸ Parte do que foi colocado aqui é referente ao outro artigo que fiz para a disciplina de História da Tradução. O texto usado tem por título “O papel da tradução no desenvolvimento da língua de sinais brasileira: um breve histórico”.

⁹ Hipertexto cria vínculos com hiperlinks, que contêm textos e gráficos vinculados com animações, filmes e simulações.

conteúdos desses mesmos textos, links, animações e DVD's de apoio. Estes materiais são elaborados pela equipe de professores-autores e desenvolvidos por uma equipe multiprofissional, comprometida com o propósito desse curso: a formação de professores com capacidade de ensinar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) tanto como primeira língua (L1 – língua de sinais) quanto como segunda (L2 – língua portuguesa).



Figura 1 – AVEA no curso de Letras-LIBRAS e uma disciplina de Literatura.



Figura 2 – Hipermissão no t3pico da disciplina, um texto escrito em portugu3s e um tradutor surdo apresentando em l3ngua de sinais no v3deo.

O Curso superior de Letras-LIBRAS constitui uma consider3vel a3o da pol3tica de inclus3o social da Universidade Federal de Santa Catarina, que tem trabalhado com processos de ensino focado na realidade discente de surdos usu3rios da LIBRAS, uma vez que lan3a m3o de m3todos de ensino que priorizam a percep3o visual. Tamb3m, atende 3s sugest3es apresentadas e 3s necessidades dos estudantes surdos brasileiros, bem como oferece a possibilidade de formar professores surdos, permitindo a inser3o das pessoas surdas nos diferentes n3veis educacionais.

Nisso se analisa a hist3ria da tradu3o revelando um novo projeto que se destinava precisamente a formar identidades culturais dom3sticas (l3ngua de sinais) atrav3s da apropria3o de textos estrangeiros (l3ngua portuguesa), que 3 considerada de segunda l3ngua ou l3ngua estrangeira para surdos.

Os tradutores surdos que trabalham no AVEA, s3o usu3rios da l3ngua de sinais, sempre apresentando os textos para alunos, sejam estes surdos ou ouvintes, mas fluentes em l3ngua de sinais. Pois a maioria dos surdos prefere ver os v3deos a ler o texto em portugu3s, uma vez que assim compreendem melhor e contextualizam o entendimento com texto. Enfim, esse papel do tradutor vem enriquecendo a tradu3o para a l3ngua de sinais com novos voc3bulos e 3s vezes, novas estruturas, bem como levar a um processo de instaura3o, divulgando o que poder3amos chamar de uma “norma culta” da l3ngua de sinais brasileira. Pois defende Capovilla:

A classifica3o gramatical ajuda o Surdo a aprender a gram3tica do Portugu3s e a entender o uso das palavras. A defini3o lexical permite ao Surdo aumentar o seu vocabul3rio em Portugu3s e o seu conhecimento do mundo. Os exemplos de uso ling3stico de palavras e sinais aperfei3oam habilidades de gram3tica e sem3ntica, desenvolvendo o uso adequado das palavras pelo Surdo e dos sinais pelo ouvinte. A descri3o da forma ou composi3o quir3mica do sinal permite ao ne3fito¹⁰ articular precisamente o sinal (CAPOVILLA 2001:32. Vol. I).

Os tradutores surdos podem sofrer um pouco quando traduzem os textos, j3 que uns traduzem com facilidade enquanto outros n3o, talvez por falta de conhecimento ling3stico, mas buscam respostas para suas d3vidas com os int3rpretes (ouvintes usu3rios de l3ngua de sinais) dentro da equipe de tradu3o e tamb3m mant3m contato

¹⁰ Ne3fito 3 o que est3 para receber ou acabou de receber o batismo; principiante, novato.

com professores das disciplinas, de que modo a esclarecer e trabalhar para uma melhoria na tradução de LIBRAS.

3. Considerações Finais

Ao final de sua exposição, Bueno pergunta:

Defender a existência de comunidades surdas, considerando a língua de sinais como sua primeira língua em contraposição a uma língua imposta pela 'sociedade ouvinte', é contribuir para a superação de sua condição socialmente adversa? Por outro lado, desconsiderar o fato de que existem agrupamentos de surdos que se utilizam de formas de representação diferentes daquelas utilizadas pelos ouvintes, e exigir deles a mesma produtividade em relação à linguagem oral dos que ouvem, é a resposta? Do meu ponto de vista, nenhuma das duas perguntas pode guiar nossa trajetória porque, independentemente de nossas intenções, elas continuam a restringir o indivíduo às manifestações intrínsecas da surdez. (BUENO, 1998:53).

Seria interessante que Bueno mostrasse onde e quando os autores que ele critica defenderam a eliminação das características ou das diferenças dos surdos. Na perspectiva que há outros grupos minoritários homogeneizar a diferença é tratar de legitimá-la, de dar-lhe lugar, de permiti-la. Então, isso se torna muito importante para se entender a comparação sobre a formação de identidades culturais entre dois textos apresentados e o papel da tradução no processo de ensino-aprendizagem que apresenta constante preocupação e desafio. Estes não são só existentes para tradutores, mas sim para toda a equipe de tradução, além de outras equipes de trabalho, apesar de multiplicidade de diferentes questões a serem estudadas e trabalhadas no que diz respeito à influência e contribuições da tradução.

Infelizmente, há poucos registros sobre o assunto deste artigo, ou seja, a tradução cultural surda dispõe de poucos estudos lingüísticos e tradutórios. Observa-se a necessidade de um maior interesse das equipes de tradução para a língua de sinais, e de reter as perdas constantes diante da falta de recursos para registrar as traduções realizadas para LIBRAS.

O papel de tradutores no desenvolvimento e reconhecimento da língua de sinais é imprescindível, já que esta língua não é de todo conhecida. Espera-se, em vista disso, a difusão e esclarecer da possibilidade de melhorar os estudos e pesquisas sobre este tema, acreditando-se e basendo-se na existência da diversidade lingüística, cultural e identitária que se relaciona, conhecidamente, com a tradução.

Referências:

AVELAR, Thais Fleury. *O papel da tradução no desenvolvimento da língua de sinais brasileira: um breve histórico*. Artigo redigido para a disciplina de História da Tradução. Florianópolis: UFSC, jun.2008.

BUENO, José Geraldo. Surdez, linguagem e cultura. In: *Cadernos CEDES*, São Paulo, n.46, 1998. P. 41–56.

CAPOVILLA, Fernando César e RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS*. Vol I, 2.ed, São Paulo: Editora da USP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. *Cinderela Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

_____; _____. *Rapunzel Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

MELLO, Heloísa A. B. de. *O Falar Binlínque*. Goiânia: Editora UFG, 1999.

QUADROS, Ronice Muller. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretária de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, Poder e Educação dos Surdos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, São Paulo: Fapesp, 1998.

STROBEL, Karin. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2006.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos de Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VENUTI, Lawrence. A tradução e a formação de identidades culturais. Tradução de Lenita R. Esteves. In: SIGNORINI, Inês. *Lingua(gem) e Identidade*. Campinas, São Paulo: Fapesp, 1998.